

SOCIOLOGIA E FILME

**Foi ou não foi?
Oportunidades políticas no filme “A Leste de Bucareste”**

Ramon José Gusso¹

Resumo

Este texto tem como objetivo aproximar as narrativas utilizadas pelos personagens do filme romeno *A leste de Bucareste* com a variável Oportunidade Política, amplamente utilizada na Teoria dos Processos Políticos para explicar a surgimento de movimentos sociais e de ações coletivas. O filme busca avaliar se na cidade, que se localiza a Leste de Bucareste, houve ou não uma revolução no momento da queda do poder de Ceausescu, em 1989. Tais narrativas ilustram de forma interessante como mudanças em um contexto político fornecem incentivos para indivíduos ou grupos sociais se arriscarem em ações coletivas se dispondo a enfrentar situações adversas, conflituosas e que os expõem, muitas vezes, à repressão e à violência.

Palavras-chave: Oportunidades políticas. Ação coletiva. Romênia.

Was it or wasn't it: political opportunities in the movie “12:08 east of bucharest”

Abstract

This text aims to bring the narratives used by the characters of the Romanian movie “12:08 East of Bucharest” with the Political Opportunity variable, widely used in the Policy Process Theory to explain the emergence of social movements and collective action. The movie aims to determine if in the city situated at East of Bucharest there was a revolution or not when Ceausescu fled following the revolution in 1989. Such narratives illustrates how changes in a political context provides individuals or social groups risking yourselves in collective actions and confront adverse and conflicting situations that expose them often to repression and violence.

Keywords: Political Opportunities. Collective action. Romania.

FOI OU NÃO FOI?

A contemporânea cinematografia romena tem produzido filmes interessantes, não só pelos enredos como também pela forma bela como tem tratado a recente história do país, que por vezes lembra o cinema do pós-guerra dos Bálcãs produzido por Emir Kusturica, apesar de mais sutil, e, sobretudo menos caricato. Por caminhos e roteiros diversos há um pano de fundo

¹ Mestre e doutorando em Sociologia-Política UFSC. Professor substituto do departamento de Ciência Política e Sociologia UFPR.

em comum: a queda do regime comunista de Nicolae Ceausescu (1965 a 1989) e o processo de transição política e econômica para o regime capitalista. Isto aparece, por exemplo, nos filmes: *Como festejei o fim do mundo* (2006), *A leste de Bucareste* (2006), *4 Meses, 3 Semanas e 2 Dias* (2007), *Casamento Silencioso* (2008), *Polícia, Adjetivo* (2009) e *Contos da era Dourada* (2009).

No filme *A leste de Bucareste*, de Corneliu Porumboiu, a trama central é a queda de Nicolae Ceausescu. O título no original *A fost Saun-afost?* (foi ou não foi?) reflete esta questão, perguntando se na cidadezinha a Leste de Bucareste a queda do ditador também pode ser associada a um processo revolucionário, como foi na capital.

A Leste de Bucareste fornece uma imagem peculiar sobre o conceito de oportunidades políticas (OP), desenvolvido pela sociologia norte-americana para abordar o surgimento de ações coletivas contenciosas, sendo seus principais desenvolvedores Charles Tilly (*From mobilization to revolution*, 1977) e Sidney Tarrow (*Power in movement*, 1998²), entre outros. Esta abordagem tem sido chamada também Teoria dos Processos Políticos.

O enredo tem início quando dois personagens são convidados a participar de um programa de TV que, em comemoração aos dezesseis anos da Revolução, quer discutir se na pequena cidade houve ou não uma revolução. O primeiro personagem é o apresentador do programa Virgil Jderescu; o segundo é Tiberiu Manescu, um professor de história alcoólatra; o terceiro é Emanoil Piscoci, um operário aposentado. A ligação entre os dois personagens convidados do programa e o episódio em discussão deve-se ao fato de que ambos “participaram” das manifestações públicas que colocaram fim ao regime comunista de Nicolae Ceausescu, na Romênia, em 22 de dezembro de 1989. Para Manescu não havia dúvida que houvera uma revolução, visto que o mesmo presenciou todo o ocorrido, estando entre os primeiros manifestantes que chegaram à praça central da cidade junto com outros quatro amigos, também professores.

Para Manescu: - *Em 17 de dezembro nós sabíamos, junto com o resto do país, o que estava acontecendo em Timisoara³ refletia o fim do pesadelo comunista. Bastou uma faísca para acender o fogo e nos acordar do pesadelo que assombrava nosso país. A faísca veio da Capital, Bucareste.*

²A edição brasileira é de 2009.

³Timișoara está localizada na região Oeste da Romênia. Sua população é de 311.428 habitantes (2010); é a capital do *Județ* (distrito) de Timiș. A cidade ganhou notoriedade internacional em 1989, quando a 17 de dezembro sediou uma manifestação anticomunista contra o regime ditatorial de Nicolae Ceausescu. A manifestação foi sufocada violentamente pelo Exército e pela polícia secreta (*Securitate*). Estima-se que morreram nos protestos entre 200 e 500 pessoas em Timișoara e 3.000 em toda a Romênia (SIANI-DAVIES, 2005). O desfecho trágico da manifestação fez com que protestos contra o governo se intensificassem em todo o país. O ditador tentou fugir, mas foi capturado, julgado e executado, em 25 de dezembro de 1989.

O problema central do filme aparece quando o apresentador Virgil Jderescu inicia uma série de perguntas para expor os detalhes da participação de Manescu naquele subversivo dia.

Manescu: - *Na noite anterior estava com alguns colegas ouvindo a cobertura de “Europa Livre” de Timisoara, sentimos que era a hora de colocar um fim no pesadelo comunista, então decidimos protestar na praça da cidade.*

Virgil Jderescu: - *Não estava com medo?*

Manescu: - *Claro que estávamos. Mas achamos que tínhamos que fazer algo.*

Virgil Jderescu: - *O que fizeram na praça?*

Manescu: - *Primeiro, a praça estava totalmente vazia. Não havia uma alma. Tudo parecia congelado como na foto atrás de nós. Mas com meus colegas, começamos a protestar.*

Virgil Jderescu: - *O que gritavam?*

Manescu: - *O que todos gritavam: o comunismo está morto! Abaixo Ceausescu! Abaixo o ditador! “Timisoara, Timisoara”.*

Emanoil Piscoci: - *Olé, Olé! Ceausescu já era!*⁴ ...

Manescu: - *Quando as pessoas viram o que estava acontecendo esqueceram o medo e saíram pelas ruas. Vinham de todas as partes, das fábricas, do centro, daquele lado, entende? Do parque... Em dez minutos a praça estava cheia. Olé, Olé! Ceausescu já era! Eles gritavam. Foi quando gritavam Liberdade pela primeira vez... E os agentes da Securita (polícia secreta) correram...*

Após essa fala inicial, o apresentador abre para intervenções do público via telefone. Todas as intervenções questionam o evento como símbolo de uma revolução, como a própria participação de Manescu como manifestante. A primeira telespectadora diz morar em frente à praça e o que viu foi outra coisa: - *Eles estavam bêbados como porcos, passaram a noite toda bebendo no bar da esquina. Grandes revolucionários! São bêbados, a cidade toda sabe. Vamos parar de bancar os heróis, nos dias 21 e 22 a única coisa que fizeram foi beber.*

Manescu: - *Bebemos no dia 21 e não no dia 22.*

O segundo a ligar é Vasile Rebegea que, à época, era policial responsável pela guarda da praça.

Vasile Rebegea: - *É bom esclarecer essa história de revolução em nossa cidade. Na época eu trabalhava na guarda da prefeitura, eu estava de guarda na guarita no dia 22,*

⁴ Outros cantos utilizados nos protestos eram: "Noi suntem poporul!" ("Nós somos o povo!"), "Armata e cu noi!" ("O exército está conosco!"), "Nu vă fie frică, Ceaușescu pică!" ("Não tenham medo, Ceausescu cairá").

estava na praça e não vi ninguém como Manescu disse. As pessoas começaram a chegar por volta de 12h20min. Elas chegaram em bando, de todas as partes, foi um caos.

Apesar de todos os questionamentos, Manescu dirá até o fim que estava na praça antes da maioria chegar. Diante desse constrangimento realizado ao vivo, o apresentador resolve criar critérios objetivos para classificar o evento como um ato revolucionário ou não. Assim, resolve colocar os fatos em ordem cronológica. Diz que Ceausescu discursou pela TV ao meio-dia e que logo em seguida (12:08) fugiu em um helicóptero.

Virgil Jderescu: - *Sua fuga é muito importante, pois reflete o fim do comunismo. O Comitê Central está para a nossa revolução assim como a Bastilha está para a França. Por isso, se as pessoas tomaram as ruas depois de 12:08, então não existiu revolução na nossa cidade, o que acha?*

Vasile Rebegea: - *Quando Ceausescu fugiu não havia ninguém por lá.*

Manescu: - *Ainda mantenho que estávamos na praça antes do 12:08.*

Virgil Jderescu: - *Se as pessoas se reuniram na praça depois da fuga de Ceausesco não foi uma revolução!*

Emanoil Piscoci: - *E o que foi então?*

Virgil Jderescu: - *Não tenho ideia.*

Emanoil Piscoci: - *Deixa eu explicar. A revolução começou em Timisoara, certo? Depois se espalhou pelo país até nossa cidade no meio do nada. Sabe como ligam e desligam as luzes das ruas? Já notou?*

Virgil Jderescu: - *Não vejo relação alguma.*

Emanoil Piscoci: - *Foi assim que a revolução começou. Primeiro Timisoara, depois Bucareste, então pouco a pouco pelo país. A revolução é como as luzes das ruas, elas acendem no centro primeiro, depois pelo resto da cidade. As pessoas não são covardes, têm medo. Elas foram para a praça quando Ceausescu fugiu de Bucareste. Quando vi qual era a situação em Bucareste, também saí.*

Virgil Jderescu: - *O Sr. Manescu diz que saiu primeiro.*

Emanoil Piscoci: - *Eu fui para lá depois.*

Virgil Jderescu: - *É uma revolução se as pessoas tomam as ruas depois do fato?*

Emanoil Piscoci: - *Cada um faz a revolução que pode; cada um ao seu modo.*

O jornalista resolve perguntar para Piscoci o que fazia naquele dia. O aposentado disse que assistia TV e que Ceausescu apareceu para fazer um discurso em que oferecia \$100 (Lei) para todos dos romenos.

Emanoil Piscoci: - *Disse a Maria (sua esposa) com \$100 (Lei) de Ceausescu iríamos passar férias na praia, mas ela disse que não confiava em mim e nem em Ceaucescu. E de repente a transmissão foi cortada, continuamos planejando... A transmissão voltou e todos os tipos de pessoas apareciam na tela dizendo que tinham ganhado a revolução⁵. Maria vibrou de alegria, mas daí pensei nos \$100 (Lei) que Ceausescu havia prometido.*

Virgil Iderescu: - *Então saiu depois do que viu na TV?*

Emanoil Piscoci: - *Fui até a praça para mostrar para Maria que eu podia ser um herói, que não tinha medo dos comunistas.*

Virgil Iderescu: - *Você saiu depois das 12:08?*

Emanoil Piscoci: - *Eu saí depois das 12:08.*

OPORTUNIDADES POLÍTICAS A LESTE DE BUCARESTE

O programa termina sem uma conclusão se houve ou não uma revolução na pequena cidade a Leste de Bucareste. A imagem final do filme é das lâmpadas da cidade que se acendem uma a uma, do centro para a periferia. O filme mostra tanto na imagem como na fala desses personagens questões importantes que refletem diretamente em conceitos fundamentais relacionados às teorias da ação coletiva e dos movimentos contenciosos, sobretudo, porque pessoas comuns saem às ruas para enfrentar um inimigo, que em geral é mais poderoso (MELUCCI, 2001). Da mesma forma, ajuda a exemplificar o conceito de oportunidade política (OP), um dos principais vinculados às teorias de mobilização voltadas à ação coletiva.

De partida, o filme ajuda a desmitificar que ações coletivas e mesmo revolucionárias são realizadas (sempre) por pessoas com atributos excepcionais, arquétipos de heróis, quase deuses, que transcendem a condição humana ao demonstrarem toda sua devoção, martírio, coragem, altruísmo e determinação. Essas características certamente existem em indivíduos isolados, mas a grande maioria é formada por pessoas comuns, que têm medo, problemas e que também agem por razões instrumentais e egoístas e, eventualmente, pegam “carona” nos esforços coletivos realizados por outros, sem, é claro, esquecer que outras características estão presentes, como as emoções e sua importância para os microfundamentos da ação (JASPERS, 2010). Ou seja, a ação se dá de forma contextual tanto para os indivíduos como para os grupos mobilizados. Esse é o caso, por exemplo, de Emanoil Piscoci.

⁵ O filme Como Comemorei o Fim do Mundo retrata os últimos momentos de Ceausescu no poder e a invasão de rostos à frente das câmeras.

Hobsbawn (2002, p.471) lembra que independentemente do que estimulou os romenos - até então inertes - a entrarem numa situação de conflito, não se pode ignorar o poder que a televisão teve para a queda dos regimes comunistas na Europa.

O processo foi visto não só nas telas de televisão do mundo ocidental como também, com muita atenção, pelos regimes comunistas em outros continentes (...) na Romênia a televisão captou o momento da revolução, no próprio rosto perplexo de Ceausescu, quando a multidão convidada pelo próprio regime preferiu vaiar a aplaudir o ditador⁶ (HOBSBAWN, 2002 p.443).

No entanto, Hobsbawn diz que todos os eventos que colocaram fim aos regimes comunistas poderiam ter sido evitados, como fora em outras ocasiões, com o uso da violência⁷, mas como no caso da Romênia, todos os demais regimes comunistas caíram sem que sequer um tiro fosse disparado. Para o autor, essas ações por si mesmas não derrubariam os regimes, mas a força desses eventos estava justamente em demonstrar a perda de legitimidade dos estados comunistas da Europa. Para Hobsbawn todos abdicaram tranquilamente do poder de repressão, como à própria manutenção dos regimes. Tarrow (2009, p.104) lembra que outros sinais foram dados em relação à queda dos regimes, tais como as divisões internas na elite do partido comunista (prós e contras abertura) e a retirada da ameaça de intervenção do Exército Vermelho para a manutenção dos regimes. Isto levou a ondas de democratização e de independência nos países que faziam parte da União Soviética.

Tais disputas geraram reconfigurações entre posições de apoio entre governo e desafiantes, configurando-se como um novo recurso para surgimentos de movimentos emergentes. Tarrow (2009) indica que a divisão das elites é uma variável fundamental para explicar a queda do regime comunista na Europa ao final da década de 1980, pois as diversas fissuras ocorridas nas posições das elites foram interpretadas como incentivos a movimentos de oposição, como também indicam Anthony Oberschall (1999) e Elena Zdravomyslova (1999).

⁶ O site <http://romanianrevolutionofdecember1989.wordpress.com/> apresenta gravações (oficiais e não oficiais) sobre os protestos, o último discurso de Ceausescu, sua fuga, a repressão contra os manifestantes e o julgamento e execução de Nicolae Ceausescu e sua esposa Elena Ceausescu. Ambos foram acusados pelo genocídio de 60 mil pessoas pelo tribunal extraordinário. Em 1995, uma comissão parlamentar indicou que o número de vítimas durante as manifestações foram de 1.104 pessoas.

⁷ Hobsbawn refere-se nesta passagem à Primavera de Praga, em que o processo de liberalização política na Tchecoslováquia fora contido pela repressão do Exército Vermelho da União Soviética.

Em síntese, as OP (TARROW, 2009) são os recursos externos que facilitam ou restringem as ações coletivas, a forma como as pessoas ou grupos percebem as ameaças aos seus interesses ou aberturas e oportunidades para impor movimentos de mudança.

Assim, o confronto surgiria quando oportunidades se tornam acessíveis aos desafiantes, ou dito de outra forma, quando a percepção dos custos da inação seriam maiores do que a própria ação de confronto. Tarrow (2009) indica quatro dimensões na composição de OP que, combinadas, produzem oportunidades para ações de confronto. São elas: (i) acesso institucional; (ii) divisão das elites; (iii) aliados; (iv) e repressão do Estado.

O primeiro aspecto diz respeito à abertura do acesso à participação para novos atores na estrutura institucional do Estado, seja por meio de eleições ou acesso à estrutura institucional condicionada à receptividade das autoridades político-institucionais e às reivindicações de atores sociais. Uma segunda dimensão se relaciona às mudanças de alinhamento político no interior do sistema, ocasionadas pela instabilidade eleitoral, que produz novas coalizões entre partidos de governo e oposição e incertezas entre apoiadores (governo), bem como estimula os desafiantes a se colocarem numa situação de conflito.

A divisão das elites se configura como um elemento central, sendo utilizado como um dos principais fatores explicativos para a queda do regime comunista na Europa durante a década de 1980, pois as fissuras nas posições das elites foram interpretadas como incentivos a movimentos de oposição.

A terceira característica trata da capacidade dos desafiantes ou movimentos sociais de obter aliados influentes. Entende-se que há um encorajamento à ação coletiva quando desafiantes possuem aliados, que podem intermediar sua ação, atuando como mediadores de conflitos – mesmo quando envolve repressão. Os aliados seriam também um recurso externo aos movimentos sociais e grupos de desafiantes. Importante destacar que estas alianças não são necessariamente construídas *a priori*, muitas serão criadas durante o próprio processo contencioso na “fronteira móvel entre desafiantes e membros do sistema político” (TARROW, 2009, p.44).

A última característica diz respeito ao declínio da capacidade ou vontade de reprimir movimentos e desafiantes. Seja em decorrência do enfraquecimento da “técnica” de repressão das ações contenciosas por parte do Estado ou quando, por motivos diversos, entre eles reposicionamento e divisões no interior das elites, há um arrefecimento da repressão, isto abre oportunidades para os desafiantes fortalecerem suas ações e ganharem confiança numa possível vitória.

Assim, apesar das limitações do conceito de OP para explicar ações coletivas, uma vez que este aposta, sobretudo, em fatores externos aos atores à possibilidade de germinação de movimentos, ocultando outras variáveis de cunho cultural da análise, o conceito tem sua validade ao apontar para a necessidade de uma interpretação contextual relacional dos atores políticos. Contudo, a utilização do conceito de OP deve atentar para não se cair numa explicação puramente exterior aos movimentos, funcionando com um *deus ex machina*, que explica todas as ações coletivas por meio do mesmo receituário.

Retornando ao exemplo proposto, é possível afirmar que, se por um lado foram dadas oportunidades externas (sistema político) para a onda de confronto político que derrubou Ceausescu, isto não seria possível se, independentemente da existência de movimentos sociais sustentados, não houvesse minimamente um consenso em torno da crítica ao regime. Isto aponta para um recurso que é interno aos movimentos e ao surgimento de confrontos políticos, que pode ser chamado de quadros interpretativos de ação coletiva (*frame*), que são fundamentais também para os processos de formação de identidade coletiva presentes nos movimentos sociais (GAMSON; MEYER, 1999). Pode-se apontar assim que houve a abertura de oportunidades políticas, que facilitaram a mobilização de pessoas, a divisão nas elites, o recuo num segundo momento na imposição da repressão e da violência, permitindo que o confronto levasse a um processo de transformação social e política. Nesse sentido, o filme mostra que os ciclos de protestos que deram fim ao regime comunista foram criados por oportunidades, em grande parte, externas aos movimentos, dando chances para que pessoas comuns se engajassem em lutas contra um adversário potencialmente mais forte.

REFERÊNCIAS

GAMSON, William; MEYER, David. Marcos interpretativos de la oportunidad política. In: McADAM, Doug.; McCARTHY, John.; ZALD, Mayer.(ORGs.) *Movimientos Sociales: perspectivas comparadas*. Madrid: Ed. Istmo, 1999.

HOBBSBAWN, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

JASPERS, James. *Emotions and the Microfoundations of Politics: Rethinking ends and means*. In: ROGGEBAAND, Conny e KLANDERMANS, Bert (eds.). *Handbook of Social Movement Across Disciplines*. New York: Springer, 2010.

MELUCCI, Alberto. *A Invenção do Presente: movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

OBERSCHALL, Anthony. Oportunidades y creación de marcos en las revueltas de 1989 en el Este de Europa. In: McADAM, Dough.; McCARTHY, John.; ZALD, Mayer.(ORGs.) *Movimientos Sociales: perspectivas comparadas*. Madri: Ed. Istmo, 1999.

PORUMBOIU, Corneliu. *A fost Sau n-a Fost?* 42 KM Film, Romênia, 2006.

SIANI-DAVIES, Piter. The Romanian Revolution of December 1989. Nova York, Cornell University, 2005.

TARROW, Sidney. *O Poder em Movimento: movimentos sociais e confronto político*. Ed. Vozes, Petrópolis, 2009.

ZDRAVOMYSLOVA, Elena. Oportunidades y creación de marcos interpretativos en la transición a la democracia: el caso de Rusia. In:McADAM, Dough; McCARTHY, John;ZALD, Mayer.(ORGs.) *MovimientosSociales: perspectivas comparadas*. Madri: Ed. Istmo, 1999.